

CHIAPAS: A DIFÍCIL INSERÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Kalna Mareto Teao

Este trabalho, ainda em fase de pesquisa, tem como objetivo demonstrar o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e sua articulação com a realidade de Chiapas e do México. Para tanto, limitamos a abordagem do neozapatismo ao período 1994-1998. Este estudo está baseado em fontes primárias – comunicados dos indígenas e comunicados do neozapatismo – e fontes secundárias – artigos da imprensa, site oficial do EZLN e *México em Transe*, de Igor Fuser.

QUANDO SURGE O EZLN

Indígenas armados com fuzis, com rostos cobertos por paliacates (lenços vermelhos estampados), ou passamontanhas (capuzes). Essa imagem anuncia o EZLN, ou movimento neozapatista, num levante indígena ocorrido em 1.º de janeiro de 1994, justamente quando o México assinava sua entrada no Tratado de Livre Comércio – North American Free Trade Act (Nafta).

Qual o motivo dessa rebelião armada de Chiapas, no México?

Os indígenas de Chiapas denunciam a marginalização e pobreza históricas a que são submetidos. A realidade indígena, em Chiapas, contrasta com a “realidade virtual” de um México em desenvolvimento, entrando para o bloco do Primeiro Mundo. Nesse sentido é que a escolha da data do levante se torna estratégica, pois ocorre a articulação de um problema regional com uma questão nacional: a entrada no Nafta.

Mas em que se diferencia a realidade de Chiapas da do restante do México? Como o Nafta pode interferir diretamente na vida desses indígenas?

Chiapas é o estado do México fronteiro da Guatemala, país a que pertenceu até sua independência, em 1824. As principais atividades econômicas são a cafeicultura, o artesanato e o turismo. A população de Chiapas é formada por 3,6 milhões de habitantes, constituída em mais de 1 milhão de indígenas. Em todo o México, os indígenas são 12 milhões, 14% da população total. As principais etnias são: tzetzal (maioria), tzotzil, mam, zoque, tojolobal e maia.

O neozapatismo denuncia a exclusão social indígena em Chiapas. Essa exclusão social se faz presente tanto no preconceito étnico, quanto nas condições de sobrevivência dos indígenas. Para ilustrar: Igor Fuser, em *México em Transe*, relata que os indígenas eram obrigados a ceder lugar nos ônibus para os brancos ou mestiços.

Os dados de Igor Fuser são bastante claros. A taxa de analfabetismo entre os maiores de 15 anos é de 30%, enquanto a média nacional é de 12,4%. Três, em cada cinco crianças, não freqüentam a escola. A desnutrição atinge 88,6% das crianças. As moradias sem esgoto somam 42% e sem energia elétrica, 33%, embora Chiapas forneça 60% da energia à Cidade do México (Fuser, 1995, p.57-58).

A entrada do México no Nafta propõe a condição de abolição do artigo 27 da Constituição de 1910. Esse artigo garantia aos indígenas a propriedade sobre os ejidos (terras comunais). A exigência do Nafta é que essas terras se tornem comercializáveis. A alteração do artigo 27 implica não só uma questão econômica de perda de terras dos índios, mas também uma questão econômica de interferência na sobrevivência cultural dos indígenas. Para os herdeiros dos antigos Maias, a terra define a cultura dos povos e sua identidade étnica.

O impacto dessa medida econômica sobre a estrutura social indígena reforçou a cultura chiapaneca e ativou o mecanismo de preservação cultural dos povos através da explosão de movimentos, fazendo surgir o neozapatismo.

A denúncia da realidade local em Chiapas vem acompanhada da denúncia da realidade mexicana. O neozapatismo utiliza como estratégia de movimento a integração das questões regionais e locais a fim de canalizar o apoio e o interesse da sociedade civil para com os indígenas.

As exigências do neozapatismo, presentes desde o primeiro comunicado da Selva Lacandona, em janeiro de 1994, são trabalho, terra, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. São

reivindicações regionais da realidade de Chiapas, mas, ao mesmo tempo, são questões que envolvem toda a sociedade mexicana.

No mesmo comunicado, os indígenas recorrem à denúncia da realidade mexicana: “... pedimos aos outros poderes da nação que restaurem a estabilidade e legalidade da nação, depondo o ditador” (Munoz & Félice, 1998, p. 40).

O neozapatismo denuncia a política do ditador, nesse caso o Presidente Carlos Salinas de Gortari, que venceu as eleições em 1988 em meio a fraudes eleitorais. Salinas representou o continuísmo do Partido Revolucionário Institucional (PRI), que governou o México durante 71 anos, até as últimas eleições, quando o presidente eleito foi Vicente Fox, candidato do Partido da Aliança Nacional (PAN).

Essa “ditadura perfeita” do PRI foi marcada no governo de Salinas não somente pela fraude eleitoral, que ajudou a manter o partido priísta no comando do México, mas também pelos casos de corrupção e crimes políticos, como o assassinato de Luiz Donaldo Colosio, candidato à presidência do PRI em 1994, e de José Francisco Ruiz Massieu, secretário-geral do PRI. Este último assassinato envolveu diretamente Salinas, porque seu irmão, Raul Salinas, foi preso e acusado como o mandante do crime. Há até uma peça de teatro intitulada *O Julgamento de Salinas*, de sucesso no México, apresentada pela primeira vez em 1995, durante a qual a platéia é convidada a interrogar Salinas. Uma das perguntas mais freqüentes é: “Por que você mandou matar Colosio?”

Ernesto Zedillo, outro presidente priísta, deu continuidade à política de Salinas, através de medidas neoliberais. Com a entrada do México no Nafta, os índices de crescimento econômico aumentaram. As exportações e importações também. Mas, por outro lado, ocorreu o fechamento de fábricas que não tinham condição de concorrência com os importados, a quebra de pequenos agricultores, o aumento do desemprego, a redução do poder aquisitivo do salário em um terço, a redução dos gastos em saúde e educação. Essas medidas econômicas, adotadas para atender aos interesses externos, implicaram, pois, conseqüências para a sociedade.

QUEM SÃO OS HOMENS DE MILHO?

O EZLN ou neozapatismo é composto por indígenas, em sua maioria, que formam 80% do movimento. As mulheres assumem uma posição de destaque, constituindo 33% do movimento.

O EZLN surgiu em 1983, em Las Cañadas, a partir de um núcleo de doze guerrilheiros da Força de Libertação Nacional (FLN), um grupo de inspiração cubana. Desses guerrilheiros, apenas três estavam entre os zapatistas em 1994, entre eles o subcomandante Marcos. Em 1974, a FLN foi reprimida, e Marcos e seus companheiros refugiaram-se nas montanhas. Reuniram-se aos índios tzotzil, que foram responsáveis pelo contato com os demais indígenas de Chiapas.

O EZLN começou a estabelecer contatos com a população local, conquistando os indígenas aos poucos, realizando “proselitismo político” e coordenando a formação de milícias armadas.

Para recorrer à via armada, houve um plebiscito entre os 20 mil indígenas em 1993, que envolveu homens, mulheres e crianças.

O EZLN não se impõe como uma *intelligentsia* liderando indígenas camponeses, mas articula os indígenas para lutarem por seus interesses, envolvendo-os na luta armada.

Como estratégia de comunicação entre as comunidades, o EZLN criou normas para evitar a deterioração do movimento, como a proibição da plantação, consumo e tráfico de drogas, do alcoolismo e da prostituição entre os indígenas. Além dessas medidas, foram tomadas outras, como a relativa à preservação dos bosques e à proibição da caça de animais. A prostituição e a mendicância foram eliminadas entre os indígenas.

As armas foram obtidas através dos próprios camponeses, que já as possuíam, ou, em muitos casos, através dos indígenas, que vendiam gado para adquiri-las. O EZLN comprava armas do exército, o qual achava que as armas seriam vendidas para os traficantes. Além disso, o EZLN obtinha armas através da disputa com as guardas brancas (milícias armadas) dos fazendeiros. Em Chiapas, existe um grave conflito entre fazendeiros e indígenas, havendo casos de ocupação de terras por estes últimos.

A questão da defesa da terra e dos interesses indígenas é defendida por várias organizações, como a Confederação Nacional Camponesa (CNC), a Organização Camponesa Emílio Zapata (OCEZ), a Associação Rural de

Interesse Coletivo (ARIC), a Central Independente de Trabalhadores Agrícolas e Camponeses (CIOAC).

A existência dessas organizações resulta da tradição herdada da Revolução Mexicana de 1910. Os indígenas, a partir de Emiliano Zapata, buscavam reafirmar seu passado diante da opressão do presente.

No caso do EZLN, a Revolução Mexicana não só nomeia o movimento, sob o líder Emiliano Zapata, e o simboliza através de bandeiras, mas também legitima o neozapatismo. Nos vários comunicados, o passado reaparece como lembrança dos casos de exploração e opressão dos indígenas e alerta para que eles e a sociedade tomem consciência da história, a fim de que não se repita a exploração no futuro.

Além do passado, a Constituição é outro elemento legitimador do neozapatismo. O artigo 27 dos ejidos foi retomado quando o México entrou no Nafta, não só porque as comunidades foram ameaçadas economicamente, mas também porque era uma garantia legítima e uma conquista da Revolução de 1910. Também citado frequentemente pelo movimento é o artigo 39, que diz: “O povo tem sempre o direito de alterar e modificar a forma de seu governo”.

Ao mesmo tempo em que os indígenas recorreram ao seu autogoverno, o Estado compreendeu essa autonomia como uma ameaça à nação mexicana, como um caso de separatismo.

O cerco militar do Exército de Guadalupe Tepeyac, além de obrigar os indígenas a se refugiar em locais distantes, tinha como objetivo maior isolar o avanço do EZLN e da explosão de comunidades autônomas. Até 1999, o número de comunidades rebeldes era avaliado em 38.

Cada uma dessas comunidades conta com um responsável (um prefeito) que governa por três anos. A indicação é feita por moradores, em assembléia. São criados conselhos municipais nas áreas de saúde, educação e vigilância, escolhidos democraticamente (Picolo, 1999, p. 15).

Além da organização militar e administrativa nas comunidades, o EZLN possui uma peculiaridade diante de outros movimentos sociais: a utilização da palavra como arma.

Na data do levante, os 900 rebeldes do EZLN, ao tomar San Cristobal, ocuparam a prefeitura, o prédio da polícia federal e libertaram os 179 presos da cadeia pública. Os guerrilheiros do EZLN expandiram sua ação sobre os municípios de Las Margaritas (30 mil habitantes), Altamirano (19 mil habitantes) e Ocosingo (12 mil habitantes). Em Ocosingo, ocuparam a rádio Xeoch e obrigaram os funcionários a transmitir comunicados em tzetzal (Fuser,

1995, p. 48). Isso significava que, para justificar a ação armada e esclarecer os objetivos do movimento, se fazia necessária a divulgação à sociedade civil. Ernesto Zedillo os denominou: “grupos estrangeiros”, “não-indígenas”, “agentes do narcotráfico”.

O recurso da palavra tanto na rádio Xeocho como nos jornais (*La Jornada*), revistas (*Processo*) e na internet demonstra a organização do EZLN e a preocupação em combater a visão do governo que buscava dismantelar a imagem do neozapatismo.

Muito se tem discutido sobre a identidade do subcomandante Marcos, principal líder do EZLN. Segundo o governo mexicano, o nome verdadeiro de Marcos seria Rafael Guilén, e teria estudado Filosofia na Universidade Autônoma do México (UNAM). Marcos, em seus comunicados, utiliza uma linguagem bastante acessível para tratar de temas que variam desde lendas indígenas a questões complexas, como o neoliberalismo, a globalização, o poder do Estado e a sociedade civil.

A articulação do EZLN com a sociedade civil é feita por meio do apelo à mobilização social para mudar uma realidade que não é indígena apenas, mas também mexicana.

Os comandantes do movimento, Tacho, Ramona, David e Marcos, conclamam diversos grupos sociais à participação política: idosos, jovens, mulheres, universitários, professores, desempregados, sem-teto, camponeses, homossexuais. Dessa forma, o EZLN canaliza para si o apoio de diversos segmentos sociais, com interesses políticos distintos, aglutinando-os numa luta maior: “Pela Paz, Democracia e Liberdade”.

A participação da sociedade civil ocorreu em vários momentos:

* 1995 – com a consulta internacional para discutir se o EZLN se tornaria partido político ou se manteria como movimento;

* 1996 – em agosto, com a organização pelo EZLN do I Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, que chegou a mobilizar 5 mil pessoas de 42 países, propondo discussões sobre política, cultura e sociedade civil; e em outubro desse mesmo ano, em Roma, com uma manifestação de 10 mil pessoas para pedir respeito aos acordos de paz;

* 1998 – na Cidade do México, com o pedido de desmilitarização de Chiapas, por milhares de mexicanos.

O ESTADO CONTRA A SOCIEDADE

Com o aparecimento do EZLN, Carlos Salinas de Gortari atribuiu aos componentes do movimento a designação de “estrangeiros”, pois, para Salinas, seria um movimento de guatemaltecos e salvadorenhos, e não de indígenas.

Para evitar a expansão do EZLN, Salinas de Gortari propôs a Comissão de Paz e Reconciliação, que seria intermediada por um líder do governo, Manuel Camacho, ex-prefeito da Cidade do México, e por um representante do movimento, Samuel Ruíz, bispo da diocese de San Cristobal.

O governo aumentou sua ação ofensiva sobre Chiapas, enviando tropas, helicópteros e tanques para impedir o acesso à região de Guadalupe Tepeyac.

A intensificação da ação do exército foi justificada como combate ao tráfico de drogas na região. Segundo relato de comunidades indígenas, o governo implantava drogas e bebidas nos povoados indígenas.

Para conhecer os componentes do neozapatismo, o governo distribuía comida e remédio às mulheres, mas somente àquelas que fossem acompanhadas dos maridos. Subentendia-se que os maridos ausentes eram neozapatistas.

O militarismo levou os indígenas a abandonarem suas terras para se refugiar nas montanhas. Em comunidades de municípios autônomos, como San Andres, San Pedro, Ernesto Che Guevara, Francisco Gomes, os indígenas denunciam roubos do exército, a tortura e a violência sobre eles, a ação de grupos paramilitares como o Máscara Vermelha, o Los Abejas e o Movimento Indígena Revolucionário Antizapatista (Mira)

BIBLIOGRAFIA

A CHANCE da democracia. *Veja*, São Paulo, p. 48-50, 12 abr. 2000.

FUSER, I. *México em transe*. São Paulo: Scritta, 1995.

MUNOZ, C.; FÉLICE, M. D. *A revolução invencível: cartas e comunicados do subcomandante Marcos e do EZLN*. São Paulo: Bomtempo, 1998.

PICCOLO, G. Visitando Chiapas. *Caros Amigos*, [S.l.], p. 12-17, jan. 1999.